

O Rádio no Momento de Adeus ao Mito Vargas¹

Ângela Maria Zamin²
Vera Lucia Spacil Raddatz³

Resumo

O estudo propõe a reconstituição da história dos 50 anos da morte de Getúlio Dornelles Vargas, utilizando como objeto o enterro do presidente em sua terra natal, São Borja/RS. Traça um panorama do rádio da época e das dificuldades enfrentadas pelos profissionais para realizar coberturas e transmissões externas. Recupera a memória de Getúlio Vargas a partir de depoimentos de pessoas que à época moravam na metade oeste do Rio Grande do Sul, com destaque para radialistas que acompanharam os funerais de Vargas. O trabalho reitera o papel social do rádio como fonte de informação, trazendo como elemento novo a morte de familiar do presidente, quando da veiculação da notícia de seu suicídio. No contexto em que se dá a pesquisa verifica-se que a figura do homem e do político confunde-se com as dimensões simbólicas da cultura local e intensifica o que representa o mito de Vargas para a nação.

Palavras-chave

Rádio. Getúlio Vargas. Enterro.

Introdução: Getúlio, o Grande Estadista

Manhã fria de agosto de 1954. Uma garoa fina entristece os campos verdes da velha São Borja, no Rio Grande do Sul. O rádio interrompe as rodas de chimarrão e as conversas ao pé do fogo para dar a triste notícia do suicídio de Getúlio Vargas. O filho ilustre *sai da vida para entrar na História* e comove milhares de brasileiros, mas na sua terra natal, a comoção parece ser maior pelo que ele representa.

Getúlio Vargas não é um homem comum. Transforma-se, desde muito jovem, num símbolo de força, trabalho e esperança para seu povo. Pelo seu espírito de luta e determinação, passa de estadista a nacionalista e acende em todos os lugares por onde passa uma chama de coragem e resistência. Seu valor como estadista é reconhecido até pelos

¹ Trabalho enviado para o NP 06 - Rádio e Mídia Sonora, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa

² Jornalista, Especialista, Assessora de Comunicação Social e Professora da UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

³ Mestre e Professora da UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

adversários políticos, conforme Lago *apud* Haussen: “Era quem tinha feito a lei trabalhista, dado o salário mínimo. E isto eu falo como militante comunista. [...] Ele era o ‘pai dos pobres’, tinha uma habilidade muito grande. Então, eu era antigetulista, mas considero que ele foi a maior figura de estadista que já tivemos” (2001, p.49).

Dez anos após a sua morte, integrantes do Partido Trabalhista Brasileiro, de Ijuí/RS, ressaltam em discurso público o que significa Getúlio:

O povo ainda chora a perda de seu maior amigo, do seu grande protetor. Como em vida, depois da morte, o nome de Getúlio Vargas passou a ser como uma luz que se abre no horizonte escuro da vida dos pobres. Da boca das criaturas simples, dos que entram e saem da existência com o coração limpo, o nome de Getúlio Vargas é e será para sempre e cada vez mais, murmurado como uma bênção, uma esperança, uma gratidão. Esta será a glória eterna de Getúlio Vargas.⁴

Queiroz Júnior escreve em 1957 nas suas *Memórias sobre Getúlio*:

Mas como aquele mesmo Cristo que ressuscitou na cruz, o homem não vai morrer lá, não vai ficar enterrado na fronteira oeste, na cidade de São Borja. As suas idéias fugirão do túmulo, as páginas dos seus ensinamentos serão lidas na história das gerações, esses documentos finais de sua tragédia rolarão de mão em mão, de escola em escola, e os filhos desta geração, os filhos e os netos dos seus próprios inimigos, amanhã, no futuro, estarão a cultuar aquele homem que não conheceram e que os seus pais e os seus avós odiaram mas que a História perpetuou para a eternidade (1957, p.197).

Sempre defendendo a bandeira do trabalhismo, Getúlio Vargas tem companheiros de longa data. Tancredo Neves, o primeiro presidente eleito pelo voto popular após o regime militar, está presente no governo Vargas, e em 26 de agosto de 1954, em São Borja, presta a homenagem final ao amigo. Por ocasião das comemorações do centenário de nascimento de Getúlio, em 1983, Tancredo define-o como homem e político:

Getúlio Vargas foi o homem de maior equilíbrio e de maior harmonia interior que conheci até hoje. Um homem íntegro e a sua integridade era, realmente, no rigor da expressão, infrangível.[...] Eu me orgulho muito de haver convivido com esse grande brasileiro nos últimos anos de sua vida, mantendo com ele uma relativa intimidade. Digo relativa porque ele nunca deu intimidade a ninguém. Era extremamente reservado. Irradiava uma autoridade decorrente do seu carisma e todos o respeitavam e todos se mantinham distantes diante de sua pessoa. [...] Ele ficará realmente na história do Brasil porque

⁴ Discurso proferido pelo vereador Amilcar Estanislau de Souza em sessão da Câmara de Vereadores de Ijuí em agosto de 1964. Texto do arquivo particular de Sadi Strapazzon.

trouxe duas mensagens imperecíveis. A mensagem do nacionalismo e a mensagem da renovação social (Zero Hora, Porto Alegre, 19 abr. 1983. p. 26).

O grande estadista, hoje é um símbolo para o Brasil inteiro. Amado por muitos e odiado por tantos outros, suas histórias e feitos difundem-se por todas as estâncias. Alguns chegam a idolatrá-lo como um deus. Há quem acredite que seus poderes, que se manifestaram pelas estratégias da política, continuarão a permear o rumo de muitas idéias na construção dos caminhos da nação brasileira, ainda por muito tempo. Getúlio Vargas: homem da terra e do campo, que ama as fazendas e a vida campesina; político audaz que, ao governar, sempre surpreende pelo espírito empreendedor e pelo reflexo rápido ao tomar decisões. Morre Getúlio, mas sobrevive o mito, com a mesma impetuosidade que o trote dos cavalos livres pelo campo em dia de vento. O mesmo campo onde hoje jaz o seu corpo.

A Repercussão da Morte de Getúlio Vargas na Região de São Borja

São Borja, 24 de agosto de 1954. Ainda naquela mesma roda de chimarrão, os filhos da terra não acreditam na notícia que ouvem. Não pode ser verdade! Getúlio não poderia ter morrido! Mas a verdade é dura. A cunhada de Getúlio, Alda Motta, que *chimarreia* com o genro Pedro Mello, comenta justamente naquele momento a situação do presidente Getúlio, que não julgam muito favorável. E o abismo parece não estar apenas no Rio de Janeiro. As asas da morte estendem-se também a São Borja. Quando Alda ouve a notícia da morte do cunhado através da Rádio Nacional do Rio de Janeiro comenta: “Que injustiça Pedro, um homem tão bom sofrer uma injustiça dessas”. Estas são suas últimas palavras. O coração de Alda não resiste à surpresa.⁵

O desejo da família é de que Alda seja enterrada junto com Getúlio, mas como o corpo do presidente só chegaria no dia seguinte e ainda seria velado por um dia, Alda é enterrada na manhã do dia 25. Para Pedro Motta, a morte da sogra Alda “foi o que impediu cenas de violência na cidade.”⁶ Alda é irmã de Darci, esposa de Vargas. Curiosamente seu marido Periandro Motta havia nascido em 1893 e é primo irmão de Getúlio.

Distante 270 quilômetros de São Borja, a pequena cidade de Três de Maio, na região Fronteira Noroeste, é sacudida pela notícia da morte de Vargas. Transmitida pela Rádio

⁵ Fragmento extraído do jornal Folha de São Borja, edição de 24 de agosto de 1979, p. 12, Encarte Especial.

⁶ Ibidem, p. 12.

Colonial⁷ a partir de rádio-escuta da El Mundo, de Buenos Aires, Argentina, o fato ficaria para sempre na memória do radialista Miguel Schmidt-Prym⁸, então com 16 anos.

A informação inicial, veiculada pela emissora argentina, é de que Vargas teria sido assassinado. O choque foi violento. Mais violento, ainda, quando, através de emissoras brasileiras, a Rádio Colonial fica sabendo que o presidente se suicidara. Miguel Schmidt-Prym passa a registrar os noticiários e, à medida que vai obtendo novas informações, repassa-as pelos microfones da Colonial, que ao longo do dia mantém aparelhos de rádio nas janelas para que a população acompanhe o desenrolar dos fatos. “O rádio, como o ser da cultura, reproduz em pautas mecanismos simbólicos, cuja intenção é superar as perdas que desestabilizam o homem” (Nunes, 1993, p.40).

A exemplo de outras cidades da região, Ijuí se comove com a morte do presidente. Para se despedir, correligionários do partido de Vargas organizam uma caravana e rumam a São Borja. Nem a chuva, a estrada de chão batido e o frio são capazes de afastar os ijuienses de seu objetivo maior, estar próximo do gaúcho ilustre no momento de adeus. “Deu na rádio, eu anunciei, eu falei, convidei o pessoal do partido. [...] Combinamos, um grupo, de formar uma caravana e ir para lá”, relembra Décio Barriquello⁹. O depoimento dele é o testemunho de que nem mesmo passados 50 anos apaga-se da memória aquele cinzento dia. A admiração e o respeito que guardam pelo estadista são motivos suficientes para fazê-los enfrentar a distância e as adversidades da época. Ao se referir ao fato, Décio não consegue disfarçar a emoção e chora. Chora como homem que entende os fortes motivos que levam um outro homem a atentar contra a própria vida, quando todos os argumentos se esgotam diante da oposição.

É no município de São Borja que todos os irmãos de Getúlio se encontram. Os de sangue e os milhares de coração. Deoclécio Barros Motta, primo segundo de Getúlio Vargas, conhecido como Bijuja¹⁰, rememora a atmosfera daquele 24 de agosto de 1954: “foi um dia diferente, porque nunca se viu tanta emoção. [...] O povo todo estava inconformado”. Bijuja revela que os parentes abriram mão de estar próximo ao corpo para ceder espaço aos populares que vieram dos mais diversos lugares para se despedir de Getúlio. Todos queriam estar perto do presidente.

No ano de 1954 havia poucas rádios na metade oeste do Estado. Entre elas, as emissoras da Rede Sulina em Ijuí, Santo Ângelo e Santa Rosa; Rádio Difusora, de Três

⁷ Fundada nos início dos anos 50 por Germano Docknor.

⁸ Entrevista pessoal, concedida em 23 de abril de 2004, por telefone. Miguel Schmidt-Prym é prefeito de Panambi/RS.

⁹ Entrevista pessoal, concedida em 27 de abril de 2004, em Ijuí/RS. Décio Barriquello, com 25 anos, presidia a ala-moça do PTB de Ijuí/RS, em 1954.

¹⁰ Entrevista pessoal, concedida em 30 de abril de 2004, em São Borja/RS.

Passos; Rádio Cruz Alta; de Cruz Alta; Rádio Colonial, de Três de Maio; Rádio Charrua, de Uruguaiana; Cultura, de Santana do Livramento; Rádio Santiago, do mesmo proprietário de emissoras em Júlio de Castilhos e São Luiz Gonzaga; e Fronteira do Sul, de São Borja, a emissora que transmite em 26 de agosto daquele ano o sepultamento do presidente Vargas. “Em seu aspecto material, o rádio suspende a imagem. Seu corpo é voz, considerada carga sonora, e palavra falada. Palavras e vozes noturnas convidam o ouvinte, no silêncio de si mesmo, à escuta” (Nunes, 1993, p.40).

Rádios de todos o país estão representadas em São Borja pela atuação de emissoras como a Nacional, Mayrink Veiga, Tamoio, Tupi e Gaúcha. Elas enfrentam as tradicionais dificuldades do rádio da época para transmitir à distância: a péssima qualidade das linhas telefônicas e o deslocamento. Segundo o radialista Miguel Schmidt-Prym, o som se apresenta com muito ruído e interferência. Mesmo assim, o desejo de fazer a cobertura da chegada do corpo do presidente, já no aeroporto de São Borja, é mais forte que os naturais empecilhos que cercam o radialista e gerente da Rádio Santiago¹¹ João Firme de Oliveira¹². Aproveita seu conhecimento de cabo comunicador e outras lições de comunicação aprendidas no exército, e dirige-se ao então general responsável pela Primeira Divisão de Cavalaria de Santiago para solicitar o equipamento da emissora RD 400 do exército, para poder fazer a transmissão, já que a linha telefônica disponível está destinada à Rádio Gaúcha. A RD 400 opera em onda tropical, o que permite um som mais puro e a longo alcance.

João Firme de Oliveira explica que a divisão militar de Santiago envia telegramas às demais unidades comunicando que vai fazer a transmissão da chegada do corpo de Vargas do aeroporto de São Borja. Essas unidades avisam as emissoras de rádio que entram em cadeia nacional a partir do Rio de Janeiro.

“Saímos num *jeep* às 7h do dia 25 de agosto e com antenas de campo e uma emissora portátil de onda tropical e, protegidos por soldados da terra dos presidentes Getúlio e Jango, nos instalamos no aeroporto de São Borja, onde conseguimos realizar a inesquecível cobertura jornalística, entrevistando personalidades que acompanhavam o presidente e estadista sãoborjense que entrou para a história com o Exército e o rádio do interior”.¹³

¹¹ Fundada em 31 de julho de 1951, em Santiago/RS.

¹² Entrevista pessoal, concedida no dia 30 de abril de 2004, por telefone. João Firme de Oliveira mora em Porto Alegre/RS, preside o Sindicato das Agências de Publicidade do Rio Grande do Sul e é secretário-geral da ALAP – Associação Latino-Americana de Agências de Publicidade.

¹³ Idem 11.

João Firme entrevista políticos como Ernesto Dorenelles, Tancredo Neves e Leonel Brizola, à medida que desembarcam do avião que chega às 14h, trazendo o corpo do presidente. Ele destaca como é importante a isenção emocional do repórter em momentos como este:

“Estava ali para informar os ouvintes. [...] Não podia me emocionar naquele momento e prejudicar o meu trabalho. [...] Tem que saber dividir as coisas. Quando ele [*o repórter*] está ali, compartilha com a dor, mas sabe também informar. A maioria dos que estavam no aeroporto caíram. [...] Quando viram-no descendo, se emocionaram e caíram por terra, choraram”. [*acréscimo nosso*]

“Em São Borja, a massa popular aguarda a chegada do avião que conduzia os despojos de Vargas. Gente de todo o Rio Grande para lá se dirigia a fim de esperá-los. Abre-se a porta do avião. O povo não se contém e invade o campo, querendo chegar até o esquife que nos ombros é levado para a prefeitura, onde o visita a população”¹⁴.

Para conter o ímpeto da multidão, 400 soldados dos Regimentos de Artilharia e de Cavalaria de São Borja se revezam, entre o meio-dia de 25 de agosto até a metade da tarde do dia 26, na guarda do corpo do presidente, primeiro em frente à prefeitura, onde foi velado, e depois no cemitério. Cordas de canhão grossas isolam o trajeto entre a Praça XV de Novembro e a prefeitura, para que, de forma organizada, em fila indiana, o povo possa se despedir do presidente. A cada dois metros um soldado controla a passagem dos populares. Somente as autoridades podem passar por baixo das cordas e permanecer junto ao corpo. Breni Pederiva¹⁵, soldado do 1º Regimento de Artilharia de São Borja, na época com 21 anos, comenta que as pessoas queriam tirar o presidente do caixão. “Nós tínhamos que intervir com as baionetas na ponta do mosquetão. [...] A emoção era grande, mas nós não podíamos lembrar muito. Tínhamos que guardar o corpo”.

O Adeus ao Presidente

A situação em São Borja é atípica. As milhares de pessoas, vindas de todos os lugares e de todas as maneiras (trem, avião, ônibus...), que chegam à cidade não têm onde pernoitar. Não há comida suficiente. Os estabelecimentos comerciais estão fechados pelo luto. Para se alimentar e encontrar ‘pouso’ é preciso contar com a solidariedade de estranhos. “Nem com

¹⁴ Fragmento retirado da Revista Manchete/RJ, edição extra, de 30 de agosto de 1954, p. 14, em exposição no Museu Getúlio Vargas, de São Borja/RS.

dinheiro você conseguiria comer em São Borja. Esgotou tudo e todo mundo com fome”, relembra João Firme de Oliveira que, na noite do dia 25 de agosto, conta com o apoio do exército sãoborjense e se aloja no quartel local. Também o ijuiense Décio Barriquello enfrenta esta adversidade. É na casa de um conhecido que pernoita junto de mais cinco companheiros. Dois em cada cama de solteiro.

Após o sepultamento a situação não é diferente. João Firme de Oliveira lembra que na tarde do dia 26 de agosto muitas pessoas aguardam na estação férrea para voltar a Santiago, Itaqui, Santa Maria. Como não há comida, João Goulart manda buscá-los de caminhão e, na sua fazenda, serve carne de ovelha, pão e água. O radialista, apesar de não gostar de ovelha, entra na fila.

O adeus ao estadista em São Borja é semelhante à despedida carioca, onde

uma incalculável massa popular levou a Getúlio Vargas o seu último adeus. Do Palácio do Catete ao Aeroporto Santos Dumont o povo acompanhou os restos mortais do presidente. [...] Foi uma das maiores manifestações populares verificadas no Brasil [...] O ataúde saiu do Palácio do Catete antes da hora anunciada para o Aeroporto Santos Dumont. Carregado por alguns dos auxiliares diretos do governo o esquife saiu a rua. Não teve honras militares, pois a família Vargas pedira dispensa dessas homenagens. Os canhões da Artilharia de Costa disparavam, porém, desde a véspera, de dez em dez minutos as salvas do estilo. A família recusou também os aviões da FAB que a aeronáutica pôs a sua disposição.¹⁶

Na terra Natal do presidente, a caminho do cemitério “quarenta mil pessoas acompanharam o corpo de Getúlio Vargas, pelas ruas de São Borja. O cortejo fúnebre na pequena cidade fronteira em que nasceu o presidente estendeu-se da sede da prefeitura, onde o corpo foi velado, até o ingênuo cemitério, onde Vargas repousa agora no jazigo de sua família”¹⁷. Décio Barriquello recorda que a popularidade de Getúlio se concretizou também na atitude voluntária de amigos e companheiros, que como ele, somaram forças para carregar o caixão nos ombros pelas ruas de São Borja. Populares demonstraram o carinho e o desejo de ficar o mais próximo possível do líder político até o último momento. “Mulheres e crianças no dia frio, assistiam estupefatas ao solene desfile. A multidão mostrava-se grave e compenetrada e o cortejo se fez em doloroso silêncio. [...] De mãos dadas a gente simples de

¹⁵ Entrevista pessoal, concedida em 27 de abril de 2004, por telefone. Breni Pederiva reside em Santo Augusto/RS. Na época em que serviu ao exército residia com a família em Nova Ramada/RS (localidade emancipada que, em 1954, pertencia a Ijuí/RS).

¹⁶ Revista Manchete, 30 ago. 1954, p.12.

¹⁷ Ibidem, p. 20.

São Borja acompanhou no enterro de Getúlio Vargas, como que a protegê-lo. Todos levaram o seu adeus ao presidente”.¹⁸

O enterro, às 10h30min do dia 26 de agosto, no Cemitério Municipal de São Borja, é transmitido pela Rádio Fronteira do Sul, ZYF 2¹⁹, do município. Salvador da Silva Mello²⁰, locutor com 19 anos, toma a frente na narração dos fatos, transmitindo para uma rede de emissoras presente nos funerais. Para poder transmitir do cemitério, Salvador teve que estender linha o dia inteiro, “para depois conseguir, através de uma maletinha, fazer a equalização do som, que era recebido diretamente no estúdio”²¹.

O cemitério de São Borja foi pequeno para conter a multidão que acompanhou Getúlio até a sua última morada. Muito próximo do momento do seu corpo baixar a terra a emoção pareceu ainda mais intensa, pairando sobre a massa popular um pesado silêncio apenas entrecortado pelos soluços dos que não continham a sua dor. Os amigos e parentes de Vargas, acabrunhados pela tragédia, cercavam o caixão que em pouco ia ser enterrado²².

O excerto da Revista Manchete é confirmado pelo próprio Décio Barriquello, que diz ter subido no muro em frente ao jazigo dos Vargas, junto com populares, para poder assistir ao enterro. “Os poucos mausoléus do pobre cemitério do interior foram usados como pontos de observação dos inúmeros acompanhantes que desejavam presenciar a descida dos restos mortais do presidente Getúlio Vargas ao túmulo²³”.

A solenidade, extensa, de sepultamento é acompanhada de perto pela imprensa, e o radialista Salvador da Silva Mello relembra com nitidez as manifestações de João Goulart, Tancredo Neves, Rui Ramos e Osvaldo Aranha. É esta que faz o povo derramar lágrimas sobre a lápide de mármore branca do jazigo número um, onde é depositado o corpo do presidente. Também o radialista João Firme de Oliveira, que no enterro é mais um entre milhares de cidadãos, e Décio Barriquello, integrante da caravana ijuiense, guardam vivas as palavras de Osvaldo Aranha, que fez, segundo eles e alguns registros da imprensa, ‘um discurso patético’:

¹⁸ Ibidem, p. 19.

¹⁹ A Rádio Fronteira do Sul, ZYF 2, de São Borja havia sido fundada no início dos anos 50. Com razão de sociedade anônima, a emissora não estava legalizada, vindo a ser fechada pela Contel no final da década de 60, conforme relato de Salvador da Silva Mello.

²⁰ Entrevista pessoal, concedida em 30 de abril de 2004, em São Borja/RS. Salvador da Silva Mello, advogado, é um estudioso da vida de Getúlio. Conta que acompanhou Vargas por todo o país na cobertura da campanha presidencial de 1954, a serviço da emissora sãoborjense.

²¹ Idem 19.

²² Revista Manchete, 30 ago. 1954, p. 21.

²³ Ibidem.

Eu estou, como todos os brasileiros, constrangido, dolorido, ferido na alma, ao ver que te arrancaram a vida àqueles que te deviam conservar para melhor sorte do povo e do Brasil. [...] Disseste que ‘só o amor constrói para a eternidade este teu amor será aquele que vai construir o Brasil. Não há quem tenha forças nem poder para trocar o amor que está no coração dos brasileiros e não tenha forças e poder para mudar os destinos desta Pátria contrariamente às suas traições, pelos golpes da ilegalidade, da traição e das armas. [...] se houvesse um processo para cristalização da lágrima, tu não te enterrarias no fundo da terra de São Borja e do Rio Grande, mas da mais alta montanha da geografia política do Brasil, porque nunca se chorou tanto, nunca um povo foi tão dominado pela dor ao perder um filho, como neste instante o povo brasileiro diante de tua morte (Silva, 1978, p. 358).

Passados 50 anos, o radialista Salvador da Silva Mello rememora, com suas palavras, este trecho do discurso de Osvaldo Aranha, perpetuado na memória e no coração de muitos gaúchos. Destaca, ainda, o discurso de João Goulart, outro ilustre filho de São Borja:

Ofereceste mesmo tudo a este povo que neste instante está aqui derramando lágrimas sobre este caixão, com o coração dolorido e amargurado. Ofereceste a vida pelo povo por quem lutaste toda existência. Mas, esteja certo, Dr. Getúlio, este povo que dá esta prova de solidariedade nunca trairá os teus ideais. Este povo saberá lutar com todas as suas forças para a vitória de tuas idéias, que será a definitiva redenção social e econômica de nossa Pátria, para a felicidade de todos os brasileiros. [...] Até a volta, Dr. Getúlio. Vai como foram os grandes homens. Tu que soubeste morrer, levas neste momento o abraço do povo brasileiro, levas especialmente o abraço dos humildes, leva o abraço daqueles que de mãos calmas e honradas constróem a grandeza de nossa Pátria (Silva, 1978, p. 356-357).

O jornal *Correio do Povo*, em comemoração ao centenário de nascimento de Getúlio Vargas, destaca justamente o episódio da morte e do sepultamento do presidente, lembrando os discursos realizados. O jornalista Antônio Carlos Ribeiro²⁴ escreve:

Azar que naqueles recuados tempos só podíamos contar com a agilidade do nosso lápis e com nossa relativa capacidade de retenção. Hoje as coisas me parecem mais fáceis. É pegar um microfone, lgar um botão e o acontecimento está aprisionado de corpo inteiro, com voz em ‘stéreo’, apartes e aplausos. Depois, é retirar o discurso e a entrevista do aparelho, aparar as

²⁴ Antônio Carlos Ribeiro, colunista do *Correio do Povo* em 1983, foi quem, em 1954, realizou para a empresa jornalística Caldas Júnior a cobertura dos funerais de Vargas em São Borja. Afirma que tão bem guardada como nos arquivos do *Correio do Povo* está na sua retina a lembrança dos momentos de adeus ao estadista no interior o estado gaúcho.

arestas, colocar as vírgulas e as crases. (Sem falar no milagre da televisão!)²⁵.

As palavras de Antônio Carlos Ribeiro refletem parte das dificuldades enfrentadas pela imprensa da época e para o rádio realizar as coberturas externas, como explica o ex-radialista Miguel Schmidt-Prym: “o gravador de fio era enorme e pesado, tinha quase o tamanho de uma mesa de estúdio. Ficava difícil transportar tudo isso”.²⁶ Principalmente, por esse motivo, é raro encontrar hoje gravações daquela época. Isso dificulta também o resgate sonoro de muitos acontecimentos históricos.

Considerações Finais

A memória do rádio é fragmentada. É urgente que se recupere e preserve as relíquias encontradas para que os fatos da história ocupem os lugares que merecidamente devem ocupar. Para isso, é preciso voltar às raízes e valorizar a oralidade, característica primeira do rádio e de transmissão da cultura dos povos ao longo do tempo, pois a palavra oral consitui-se em elemento essencial para a construção dos significados e das representações simbólicas.

É através da oralidade que foi possível recuperar fragmentos que permitem retratar os dias 25 e 26 de agosto de 1954 no interior gaúcho. São também fragmentos encontrados no Museu Getúlio Vargas, instalado na casa do estadista e de sua família, que trazem à tona novos elementos simbólicos – as máscaras mortuárias de gesso e bronze, produzidas pelo escultor Flori Gama ainda no dia 24 de agosto de 1954, no Palácio do Catete, no Rio; o lençol manchado pelo sangue de Vargas; as peças de vestuário usadas na posse de 1950 e na reunião com ministros que antecedeu a sua morte; a farda militar da Revolução de 30; chapéus de todos os estilos e lugares de procedência; um par de ‘chinelas’ de couro número 37, que revelam uma dicotomia – a pouca estatura de um dos maiores homens deste país; fotografias de família; livros; peças em cerâmica; *souvenirs* das campanhas eleitorais. Preservam-se aí objetos pessoais. No modesto cemitério de São Borja guardam-se os restos mortais de Getúlio Vargas, de seu ‘fiel’ escudeiro Gregório Fortunato, o ‘Anjo Negro’ e de João Goulart. Na avenida Presidente Vargas, as casas que pertenceram a Vargas e a Jango...

Pouco significam estas lembranças materiais sem o registro da memória de cidadãos que, pela idade avançada, conheceram Getúlio Vargas e acompanharam seu sepultamento. Como o rádio, as memórias também são fragmentadas. E assim o são os homens, fragmentos,

²⁵ Correio do Povo, 17 de abril de 1983, coluna ‘Ribalta das ruas’, de Antônio Carlos Ribeiro.

²⁶ Entrevista pessoal concedida em 23 de abril de 2004, por telefone, de Panambi/RS

colchas de retalhos das experiências vividas, dos conhecimentos adquiridos e dos desejos de avançar. “Regenerar o tempo é renovar a si mesmo” e “dizer e escutar rememoram” (Nunes, 1993, p.39).

A imagem que fixamos do mito Getúlio Vargas também foi construída a partir de cada pedaço dessa grande colcha de retalhos, costurada pela sua vida pessoal e política. Muito dele se falou e sobre ele se escreveu, mas a sua representatividade é resultado do conjunto de suas ações e palavras. Quando verbalizamos o que pensamos, materializamos parte de nossa personalidade. Da mesma forma, muito do mito Vargas, foi se construindo e se difundindo pela oralidade, apesar do valor imperecível de sua carta-testamento. Mircea Eliade *apud* Nunes “articula, a propósito, a oposição estabelecida entre ‘memória coletiva’, na qual repousam todas as realizações dos mitos, constituindo séries de comportamentos e de saberes úteis preservados e transmitidos ao homem arcaico pela tradição, e ‘memória histórica’, responsável pelos acontecimentos individuais” (Nunes, 1993, p.88). O mito Getúlio nasce da memória coletiva e por ela se perpetuará, carregando consigo a força e o sentimento do sagrado, colocados como a *essência das sociedades tradicionais*, pela mesma autora (Nunes, 1993, p.57) .

Impossível esquecer, a certa altura da vida, outras palavras de Osvaldo Aranha na hora do sepultamento do presidente e, que hoje, bem decifram o mito Vargas: “costuma-se dizer que quando se quiser escrever a história do Brasil tem de se molhar a pena no sangue. No futuro se dirá: quando se quiser escrever a história do Brasil, tem de se molhar a pena no teu coração, Getúlio.”²⁷ “A ritualização promete a certeza de que o universo continua como está” (Nunes, 1993, p. 35), apesar da morte de Vargas.

A pesquisa realizada repousa na esfera da narrativa mítica, guiada pela vontade e desejo individual de resgatar os fatos do passado, para assim regenerar o ciclo do tempo, evidenciando ritos, personalidades, homens e idéias, matérias que constituem a expressão da cultura, da vida e da história. Por meio de simbologias, as manifestações artísticas e midiológicas personificam os traços que representam o retorno às nossas origens.

Getúlio Vargas: homem e mito. No singelo cemitério de São Borja repousa o presidente do povo. O homem que volta para nunca mais deixar a terra natal!

²⁷ Trecho do Discurso proferido por Osvaldo Aranha. In: Silva, Hélio. 1954: um tiro no coração.p.360

Bibliografia Consultada

HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio e Política: tempos de Vargas e Perón. 2.ed.Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

JORGE, Fernando. Getúlio Vargas e seu tempo: um retrato com luz e sombra. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985. vol.1.

JUNIOR, Queiroz. Memórias sobre Getúlio. Rio de Janeiro: Copac, 1957.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. O mito na rádio: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

SILVA, Hélio. 1954: um tiro no coração. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (O Ciclo de Vargas).

Periódicos e Outros Impressos

SOUZA, Amilcar Estanislau de. Discurso em homenagem a Getúlio Vargas, Ijuí, 24 ago. 1964. Discurso proferido na Câmara de Vereadores de Ijuí em nome bancada do PTB, quando Amilcar Estanislau de Souza era vereador e líder da bancada do PTB. Originais cedidos por Sady Strapazon.

BRESOLIN, Antonio. Quarenta mil pessoas assistiram aos funerais do presidente Vargas em São Borja. Correio Serrano. Ijuí, 28 ago. 1954.

FUNERAIS de Vargas em São Borja, Os. Manchete Extra, Rio de Janeiro, 30 ago. 1954.

MOREL, Edmar. Especial Getúlio Vargas. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ago.1974.

RÁDIO dá a notícia do suicídio e a cunhada não resiste, morrendo também. Folha de São Borja, São Borja, 24 ago. 1979.

RIBEIRO, Antônio Carlos. 29 anos depois. Correio do Povo, Porto Alegre, 17 abr. 1983.

UCHA, Danilo; VARES, Luiz Pilla. O século de Getúlio. Caderno Cultura Especial. Zero Hora, Porto Alegre, 19 abr. 1983.

VIDAL, Rubens. Para as memórias de Getúlio Vargas. Edição Especial. Revista do Globo, Porto Alegre, ago. 1950.

Entrevistas

BARRIQUELLO , Décio. Caravana do PTB de Ijuí 1. Ijuí, 27 abr. 2004. Registro para pesquisa referente aos 50 anos da morte de Getúlio Vargas. Entrevista concedida a Ângela Maria Zamin e Vera Lucia Spacil Raddatz.

HICKEMBICK, Alceu . Caravana do PTB de Ijuí 2. Ijuí, 27 abr 2004. Registro para pesquisa referente aos 50 anos da morte de Getúlio Vargas. Entrevista concedida a Ângela Maria Zamin.

MELLO, Salvador da Silva. Enterro do presidente Vargas. São Borja, 30 abr. 2004. Entrevista concedida a Ângela Maria Zamin e Vera Lucia Spacil Raddatz.

MOTTA, Deoclécio Barros. São Borja de 1954. São Borja, 30 abr. 2004. Entrevista concedida a Ângela Maria Zamin e Vera Lucia Spacil Raddatz.

OLIVEIRA, João Firme de Oliveira. Chegado do corpo de Vargas a São Borja. Ijuí/Porto Alegre, 30 abr. 2004. Entrevista concedida a Vera Lucia Spacil Raddatz.

PEDERIVA, Breni. A guarda do ataúde. Ijuí/Santo Augusto, 27 abr. 2004. Registro para pesquisa referente aos 50 anos da morte de Getúlio Vargas. Entrevista concedida a Vera Lucia Spacil Raddatz.

SCHMIDT-PRYM, Miguel. A notícia da morte de Vargas na Rádio Colonial. Ijuí/Panambi, 23 abr. 2004. Registro para pesquisa referente aos 50 anos da morte de Getúlio Vargas. Entrevista concedida a Vera Lucia Spacil Raddatz.

STRAPAZON, Sady. Getúlio Vargas. Ijuí, 25 abr. 2004. Registro para pesquisa referente aos 50 anos da morte de Getúlio Vargas. Entrevista concedida a Vera Lucia Spacil Raddatz

Outras Fontes de Pesquisa

Acervo Museu Getúlio Vargas. São Borja, 30 abr. 2004.

Acervo Museu Antropológico Diretor Pestana. Ijuí, 22 abr. 2004.